



# É mais fácil imaginar o fim do mundo ou o fim de Putin?

Bruno Cava

*Pesquisador da Rede Universidade Nômade. Ensaísta e professor de filosofia. Leciona cursos livres presenciais e no canal Horazul (Youtube). Autor de "A multidão foi ao deserto" (2013) e outros livros.*

Giuseppe Cocco

*Professor Titular da UFRJ, coordenador do LabTeC-(PPGCOM/ UFRJ). Membro da Rede de laboratórios Moitará.*

Tradução Luisa Rabolini

*A paz não é a ausência de guerra, mas uma virtude que brota da força da alma.*

*Spinoza*

*O melhor ocidente está fora do ocidente. A melhor Europa está nas jovens iranianas que soltam os cabelos e são mortas por isso, nos jovens ucranianos que agitam a bandeira da Europa...*

*Adriano Sofri, 29 de setembro de 2022*

Ouvindo o verso de Eurípides: “Quando eu morrer, que tudo possa queimar”<sup>1</sup>, Nero reagiu: “Que tudo possa queimar enquanto estou vivo!” Para Nero era mais fácil imaginar o fim do mundo do que o seu fim. Diante da guerra de alta intensidade deflagrada por Putin contra as cidades da Ucrânia, é mais fácil para a esquerda ocidental – com algumas raras e corajosas exceções – imaginar o fim do mundo do que o fim do ditador russo.

Os críticos de esquerda da guerra russa contra a Ucrânia podem ser divididos em três grandes grupos: aqueles que consideram legítima a agressão russa, aqueles que defendem a paz e, por fim, aqueles que seguem ao pé da letra o manual dos jogos infantis do realismo nas relações internacionais. A esquerda que defende a guerra neocolonial russa<sup>2</sup> não hesita em mobilizar argumentos anti-imperialistas para a pior guerra imperialista em curso: as intervenções estadunidenses passadas justificariam a intervenção russa atual.

Depois vêm os diferentes tons de “pacifismo” que se opõem ao envio de armas para a Ucrânia. Na década de 1980, os pacifistas defendiam o desarmamento de seus estados nacionais; agora eles querem que outros estejam desarmados, mesmo aqueles sob invasão e terror por estados mais poderosos.

Por fim – terceiro momento – assiste-se à incrível conversão de uma parte da esquerda ao realismo geopolítico: o apoio do Ocidente deveria ter sido evitado porque

---

<sup>1</sup> Suetônio Tranquillo, *The lives of twelve Ceasars*. Book 6: XXXVIII – The Great Fire of Rome. 120 AD.

<sup>2</sup> Yaroslav Trofimov, *Russia's long disdain for ukrainian nationhood*. *The Wall Street Journal*, Apr 28, 2022. Taras Bilous, *Self-determination and the war in Ukraine*. *Dissent*, May 4, 2022. Taras Bilous, *The war in Ukraine and the Global South*, [The commons.ua](https://www.commonsworld.org/ua), March 13, 2022.



a Ucrânia pressionaria por um confronto entre potências nucleares: isto é, defender quem resiste à invasão russa significa favorecer o apocalipse.

O fio comum que une os três grupos da esquerda ocidental é o fato de concentrar a crítica contra a resistência ucraniana – reduzida a um não-sujeito ou depósito de preconceitos coloniais, e transformada em uma “pequena república” na antecâmara da história<sup>3</sup> – e de abençoar delicadamente a agressão russa em nome do antiamericanismo ontológico e do medo – geralmente uma mistura de ambos em proporções variadas.

Na área do pastiche anti-imperialista também foi exaltada a alternativa neoleninista entre “guerra e revolução”<sup>4</sup>. Uma estranha revolução que fica do lado da narrativa neocolonial russa e arquiva o ciclo de lutas e revoltas ucranianas das últimas décadas, por exemplo, o levante de Maidan de 2013-14. No mix são então arbitrariamente misturados a inversão da lógica e a colocação da Rússia na posição de mal menor em relação aos Estados Unidos, à América Latina e ao Sul global. Para eles, os Estados Unidos são na verdade o mal pior quando comparados à Rússia. No entanto, nada disso explica por que a Rússia seria um mal menor do que o Ocidente para os ucranianos, que são as vítimas e o principal núcleo de resistência neste conflito armado. Depois de testemunharmos as correntes negacionistas da pandemia, agora somos testemunhas do negacionismo dos pacifistas antiucranianos. Somente a resistência e as populações ucranianas devem sofrer as “consequências econômicas da paz”, invertendo a famosa fórmula de Keynes. Como esquecer que uma das causas desta guerra é que os ucranianos estavam desarmados, tendo entregue seu arsenal nuclear logo após a implosão da URSS, uma união na qual, como uma das repúblicas, eles participavam justamente como a Rússia? E depois, há o fenômeno pelo qual aqueles que, tropeçando no caminho

---

<sup>3</sup> Uma maneira de servir como suplemento complementar na guerra de propaganda do lado invasor é reduzir quem é invadido a um detalhe menor, mencionado nas notas de rodapé do Grande Desenho das Coisas. Um exemplo sobre o tema: Toni Negri e Sandro Mezzadra. *Join the Global Fight against the Regime of War*. Transl. Geert Lovik. *Network cultures*, Aug 9, 2022.

<sup>4</sup> O último livro de Maurizio Lazzarato sobre a guerra russa na Ucrânia – *Guerra o rivoluzione; perchè la pace non è una alternativa*, DeriveApprodi: Roma, 2022 – é um apelo solene contra o pensamento fraco apenas para mergulhar em abstrações fracas e totalizações intermitentes sem nenhuma consideração sobre a realidade das forças envolvidas na invasão e resistência a ela.

pedregoso de Damasco, se converteram à transcendência de teorias realistas, como aquela de J. Mearsheimer<sup>5</sup>, abandonando a religião cívica das lutas de um povo pela liberdade e pela democracia, como a do Maquiavel das pequenas repúblicas italianas<sup>6</sup>.

A defesa maquiaveliana do povo em armas, que cria sua liberdade pela ação entre a multidão e o príncipe, torna-se a nova apologia hobbesiana do medo a serviço da paz com a submissão dos ucranianos. Tal paz é, na verdade, o nome mistificador para a normalização da guerra. Essa suposta complexidade esconde uma simples realidade afetiva: a paixão pelo poder do Estado<sup>7</sup>, representado pelo regime de Vladimir Putin.

Em artigo publicado na *New Left Review*, Antonio Negri e Nicholas Guilhot<sup>8</sup> escreveram que nada seria mais perigoso do que confundir uma guerra por procuração entre potências nucleares com um conflito assimétrico contra um “estado terrorista” em nome de “altos ideais”, como “democracia” ou “direitos humanos”. Desde o início Negri e Guilhot transformam os fatos em uma nuvem de confusão. O comportamento do Estado russo é de fato aquele de um Estado terrorista: nas zonas ucranianas, ocupadas ou não, bombardeia, tortura e mata indiscriminadamente; no plano internacional, transforma trigo, gás e até refugiados em armas – uma conduta terrorista dentro de um discurso genocida<sup>9</sup>. Na base do revisionismo do historiador-chefe do Kremlin, o objetivo declarado de Putin é negar à Ucrânia e seus habitantes o direito de existir como cidadãos ucranianos, isto é, livres de sua metrópole histórica. O slogan da

---

<sup>5</sup> O pastiche pacifista mistura o realismo das grandes potências com o materialismo da abstração determinada, duas perspectivas ou metodologias incompatíveis.

<sup>6</sup> Nicolau Maquiavel, *Discursos sobre a primeira década de Tito Livio*, 1532.

<sup>7</sup> “Deve-se dizer que os comunistas franceses tiveram um bom professor: Stalin. De fato, foi Stalin quem reintroduziu a noção de povos “avançados” e “atrasados” no pensamento socialista. E se fala do dever de um povo avançado (neste caso em Grandes russos) de ajudar os povos que ficaram para trás a recuperar o atraso e superar seu atraso, não conheço paternalismo colonial que proclame uma intenção diferente”. Aimé Césaire, *Letter to Maurice Thorez*. Oct 1956.

<sup>8</sup> Toni Negri e Nicolas Guilhot, *New Reality?*, 19 de agosto de 2022. Guilhot é o tradutor francês do segundo livro da trilogia Negri & Hardt *Empire*, intitulado *Multitude: War and Democracy in the Age of Empire*, Penguin: 2004. Ambos os autores do artigo parecem ter evitado o capítulo inicial sobre *Simplicius Simplicissimus* (p. 3) do romance picaresco de Hans Grimmelshausen de 1668.

<sup>9</sup> Quando – esperançosamente – a guerra terminar e as investigações internacionais forem conduzidas adequadamente (por exemplo, em relação aos massacres como em Bucha), uma sentença sobre a natureza genocida da invasão também será possível. Que o discurso dos invasores seja genocida é indiscutível.

“desnazificação” não tem outro propósito senão purgar as populações multilíngues e multiculturais ucranianas de todos os elementos étnicos, linguísticos e nacionais. Essa é a razão pela qual os ocupantes deportam milhares de crianças ucranianas: para russificá-las. Por fim, o conflito é na verdade assimétrico, pois ocorre entre um Estado militarmente nuclear e o mais recente Estado ucraniano, cuja capacidade de resposta é limitada e não equivalente em termos de meios e métodos, como as armas e os recursos para uma defesa eficaz no início eram insuficientes.

Negri e Guilhot valorizam a propaganda de Putin promovendo uma guerra entre a Rússia e o “Ocidente coletivo”. Como se vê, em oito meses de guerra dezenas de milhares de soldados e paramilitares russos foram mortos em combate, muitos deles pertencentes a minorias étnicas do antigo império soviético, enquanto a OTAN não perdeu um único soldado. Durante os primeiros meses da guerra, os ucranianos tiveram apenas assistência militar defensiva limitada e sobreviveram ao ataque frontal da melhor maneira que podiam. Mais uma vez, a virtude maquiaveliana zomba dos cálculos dos realistas e pseudopolíticos de todos os países. Os ucranianos bloquearam a invasão inicial e venceram a batalha de Kiev, apesar da assimetria e da falta de apoio substancial da OTAN. A resistência nacional e militar na Ucrânia era e ainda é uma resistência de povo<sup>10</sup>; uma guerra de povo contra um exército ocupante, como no Vietnã (1950-70) ou no Afeganistão (1979), que também derrotaram as potências nucleares.

Espelhar-se na propaganda neocolonial de Putin e se esconder atrás de uma América Latina inexistente ou de um Sul global<sup>11</sup> sentimentalmente e culturalmente relativista tem como único resultado aprofundar a catástrofe ética e política em que a esquerda Putinista encontrou-se – uma fração majoritária da esquerda que pensa sobre

---

<sup>10</sup> Mehri Druckman, Generation UA: Young Ukrainians are driving the resistance to Russia’s war, Atlantic Council, Aug 11, 2022. David Patrikarakos, Inside the Ukrainian resistance, Unherd, Jul 9, 2022.

<sup>11</sup> Edward P. Thompson criticava a forma como a esquerda ocidental e europeia se referia abstratamente à ideia de Terceiro Mundo, recusando-se a ver aspectos construtivos nas lutas do Leste Europeu contra a URSS e os regimes satélites (lutas que seriam apenas ‘contra’ algo). Para ela, a saída do bipolarismo da guerra fria estaria sempre em outro lugar, nunca ao lado daqueles que se rebelavam dentro do socialismo real de forma criativa. The ends of Cold War. New Left Review n. 182, Aug 1990.

o tema da globalização, ainda que com o fascínio discreto do anti-imperialismo e das teorias sobre o sistema mundial.

Como diz Étienne Balibar<sup>12</sup>, é preciso estar do lado da guerra justa que os ucranianos estão travando.

Afinal, o realismo é irrealista, pois não consegue compreender o espaço do imprevisível que a resistência revela. O surpreendente comportamento coletivo da resistência ucraniana reabriu o cenário da globalização para além da discussão entre blocos geopolíticos e relações de força, ainda que tenha criado apenas uma pequena rachadura ou um ligeiro desvio da tendência. Mas é um desvio qualitativo, um clinâmen. Os invasores não esperavam isso, nem os aliados, que só após o sucesso da defesa inicial começaram a aumentar a ajuda militar, ainda que com muitas limitações de meios e na escolha dos objetivos.

De fato, Negri e Guilhot não temem uma confusão perigosa; o que eles realmente temem são as verdades perigosas. Como sua análise escolhe não levar em conta as tensões que se entrelaçam na situação concreta, devem cercar-se de instrumentos de defesa, como falar em nome da paz mundial e da salvação da humanidade diante do horror nuclear (evocado apenas pelo lado putinista como guerra psicológica). A luta eficaz de quem luta pela vida, independência e dignidade é mais temida do que o triunfo do intolerável. Eles parecem não temer a vitória de Putin e o que isso significaria para os ucranianos e as outras populações da Europa Oriental. Nada poderia ser mais obscuro do que isso.

Reafirmar o apoio à resistência ucraniana e prestar toda a ajuda possível, seja da OTAN, da União Europeia ou dos países do Sul global, é agora uma tarefa internacionalista fundamental, capaz de manter vivo o desejo de um outro mundo possível, como nas lutas do ciclo por outra globalização outra. Este mundo já está emergindo, apesar das terríveis brutalidades aceitas pela esquerda putinista, nos campos e cidades da Ucrânia.

---

<sup>12</sup> Étienne Balibar, *In the War: Nationalism, Imperialism, Cosmopolitics*, The Commons.ua, 29 de junho de 2022.